Para o D.,
Com imensa gratidão.

Para o avô,
Que conhecia e amava Lisboa como ninguém.

Para a minha tia-avó E.
Que nasceu numa «gruta» em Lisboa.

Para a minha mãe,
Que já partiu e que nunca soube em que dia nasceu.

Que importa a mesquinhez da criatura?
Se Deus formou tão grande a Natureza
Tão suave, tão lúcida e tão pura!

***Maria de Carvalho,* Sonetos 1916**

Prólogo

Estoril, 1956

Para o propósito destes escritos, nada do que a mim diga respeito tem qualquer relevância. Contudo, como nos últimos anos tenho continuado a tentar destacar-me como novelista, é por força do hábito que empresto à narrativa este caráter de novela. É na esplanada do Estoril Palácio Hotel que tenho tomado os meus chás e disposto os meus escritos sobre a mesa. Volvidos nove anos, estou a alinhavar aquilo que espero que mais tarde denominem de a minha «obra-prima». É uma pena que não possa valer-me da piscina, porque ainda faz frio, e que as refeições já não me satisfaçam, porque me vejo forçado a abster-me de tudo o que, em suma, lhes confere sabor. Pesam-me as pernas e, ao refluxo gástrico, juntou-se a diabetes.

Bem sei que, se a Providência me tivesse concedido algum bom gosto, teria procurado um alojamento, ainda que modesto, no Mónaco, e agora estaria a conviver com intelectuais e com a saudosa realeza europeia, sempre com a esperança ténue de me cruzar com a princesa numa das curvas que levam à baía. O Estoril, como é sabido, há de cair em decadência. Isto é, está fora de moda para quem pode circular à vontade na Europa pós-Segunda Guerra. De resto, permanece um exílio para destituídos. Este tristonho paredão, onde homens e mulheres se submetem ao rigor da avaliação de bons costumes indumentários levada a cabo pelo guarda e pela sua inseparável régua, já não respira qualquer resquício dos tempos áureos em que os exilados do Velho

Continente o procuravam para daqui sonhar a vitória. Também está longe de corresponder à ideia que teriam os criadores de *Casablanca* quando puseram Portugal no mapa cinematográfico e o anunciaram como a Terra Prometida, para quem em Marrocos só sonhava em cá chegar.

Talvez deva admitir que, em parte, escolhi instalar-me no Estoril para evitar o frenesim de encontros e discussões para o qual me vi arrastado em 1947, quando a cidade parecia renascer das cinzas de uma guerra que nem a bafejou, e a encontrei em estado de sítio com tanta construção e demolição. Havia ainda alguns estrangeiros em Lisboa, e fui convidado para *soirées* com colegas de profissão, *matinées* em pastelarias que terão, decerto, contribuído para o meu diagnóstico assim que regressei a Inglaterra, e longos passeios pelas áreas ajardinadas. Fui também ao Teatro da Avenida rever um espetáculo de revista, que em criança tantas gargalhadas me arrancava. E fui, claro, ao Coliseu, onde me sentei na plateia com um ramo de lisiantos, a ouvir a atuação de Irene Silva Vaz, mas a isso regressaremos mais adiante.

O Estoril encerra ainda o meu fascínio pelo talento do meu colega de escrita que por aqui passou há nem duas décadas. Talvez me encha de coragem e enderece um postal a Ian Fleming com o Tamariz em destaque, a efabular que vi o seu James Bond por aqui, e de boa saúde. Ainda acalento a esperança de que me elucide quanto ao mito do seu espião, que teria açambarcado todas as apostas em mesa neste mesmo casino, numa noite de maio de 1941, se ter, ou não, valido das libras dos súbditos ingleses para o efeito. E há ainda os benefícios das águas carbogasosas destas termas, que, de tão exaltados, decerto podem vir a aliviar-me o peso das pernas.

Quando decidi vir passar esta minha última temporada a Portugal, fiz questão de emalar também o diário que escrevinhei durante o ano de 1947, nem que fosse para me recordar de alguma refeição excecional nalgum restaurante, a fim de lá poder regressar num momento de desaire. Basta-me seguir-lhe agora as páginas para aceder às minudências daquelas semanas na metrópole.

A Lisboa de 1947 já era em tudo diferente da que eu deixara seis anos antes, e o que dizer desta que agora encontro em 1956? Parece

que guardo três cidades diferentes na memória, e em todas há roupa estendida nos varais e as vendedeiras de fruta andam por aí a desejar-nos muitos filhos com muita saúde.

Contudo, é na Irene Silva Vaz que devo focar-me, e na sua obstinação em partilhar comigo o cerne da sua mágoa.

I

Lisboa, julho de 1947

Conto-vos este episódio porque ela mo pediu. Na época, registei-o nos meus diários de 1947, e nada faria prever que seriam estes acontecimentos, e não outros, a levarem-me de volta àquelas páginas volvidos nove anos. Ainda não consigo deslindar os motivos que a fizeram confessar-se a mim, um simples repórter sem qualquer publicação de significância até então. Não era certo que a minha novela viesse a ser um sucesso e, no mundo das novelas, quando não são um sucesso imediato, é porque já não hão de o ser. Já fora procurado por desvalidos, enamorados e bem-sucedidos que desejavam que alinhavasse umas linhas a respeito das suas dores de amor, mas foi a primeira vez que uma mulher me abordou a propósito de algo que não um mal de amor. Ou talvez fosse um mal de amor, a verdade é que não a entendi então, como não a entendo ainda. Não era o género de mulher a quem se pudessem fazer perguntas diretas. Se me atrevesse a procurar um atalho nas suas divagações, parecia que o seu rosto se desvanecia nas volutas do fumo do cigarro, as pestanas esmoreciam e lhe ocultavam os olhos vítreos. Deixava de vê-la por uns instantes e, de seguida, ela punha-se de pé e ia até à janela, ou servia-me mais refresco, e retomávamos a conversa de um ponto que não lhe trouxesse ânsias de pôr fim ao capricho das confidências.

A morada que deixara na receção do Hotel Europa, no Largo de Camões, indicava uma moradia do lado ocidental do Parque

Eduardo VII, e o arvoredo imberbe que polvilhava o passeio não era suficiente para proteger as fachadas da impiedade do Sol. No Rossio, ainda antes de entrar no carro elétrico, debrucei-me nas fontes de bronze parisienses para humedecer a nuca sem, no entanto, me atrever a um espetáculo de imoderação tão impróprio como o das crianças que, descalças, se salpicavam umas às outras por entre gritos bárbaros. Suportei os solavancos do carro amarelo, valendo-me do chapéu para sacudir o rosto, do lenço para enxugar o suor, e depressa me recordei de que os Portugueses vivem numa estranha monocromia de preto-e-branco, e tudo o que a vista alcança sucumbe a essa preferência simplória. Era ver os automóveis, poucos e quase todos pretos, e os homens, todos de preto — dos chapéus aos sapatos, quando não andavam descalços —, e as mulheres, ora de branco, ora de preto. Parecia que o preto, mais do que simbolizar a viuvez, simbolizava um estatuto austero e tosco, a que se apegavam como ao saudosismo.

O carro elétrico freou diante da rotunda monumental onde reina o digníssimo Marquês de Pombal, e saltei para o passeio por entre a chuva de fagulhas, quase incapaz de suportar uma luminosidade tão invasiva. Era julho e o Sol varava as fachadas, refletia-se nos vidros e chegava a cegar. Entre mim e a moradia dos Vaz, havia que vencer uns íngremes trezentos metros e, pelo caminho, tive de me desviar dos passeios esburacados, nos quais os calceteiros, acocorados, suavam em bica a cada golpe de picareta.

Se os Britânicos me tivessem influenciado um pouco menos, é possível que tivesse encontrado coragem para circular em mangas de camisa, e poderia também ter afrouxado a gravata e levado o chapéu na mão. Desse modo, não me teria apresentado na moradia de calcário, de um branco ofuscante àquela hora, no estado em que o fiz. Por sorte, a governanta foi amável o suficiente para me receber com água ainda no vestíbulo, e para depois me conduzir a um recanto da casa que só posso descrever como onírico.

Tratava-se de uma galeria semicircular que, com certeza, correspondia à janela saliente que vira de fora, quando dei por mim à sombra na modesta álea de rosas silvestres. Algo de que não me apercebera no

exterior, porque apenas a pequena fonte com o tritão no centro e água musgosa no fundo me despertara verdadeiro interesse, era que a moldura metálica estava preenchida por um vitral.

Dei por mim a recuperar o fôlego no sofá de damasco, num ambiente de floresta tropical. Era uma divisão fresca, revestida de mármore, com trepadeiras ao longo dos veios rosados das paredes, vasos com fetos sintrenses ao canto, duas gaiolas de ferro forjado com canários esverdeados no interior, e uma ode à *Art Nouveau* que me detive a admirar, e que preenchia toda a janela. A luz era filtrada do exterior, já de si ensombrado pelas pereiras, através daquela figura feminina de traça greco-romana. Surgia em tamanho real, desnuda da cintura para cima e recostada numa varanda que só podia dar para o Mar Egeu. Exibia uns seios pálidos e juvenis que em nada incitavam à luxúria masculina, e sobre a sua cabeça pendiam parreiras. Ao canto, um pavão vistoso permitira aos artistas uma aplicação assombrosa de azul-real e verde-esmeralda. Naquela frescura, reinava a cantiga dos canários, e, quando comecei a lamentar o facto de que apenas me fora servido um copo de água, a governanta regressou com uma bandeja e um jarro.

— Trago-lhe um refresco.

Agradeci e estendi-lhe o copo vazio, para que me servisse de imediato. O calor sempre teve o condão de me desorientar. Pelo menos estava numa casa com um frigorífico doméstico, caso contrário seria insuportável, naquelas circunstâncias, tomar bebidas quentes.

— Senhor Almeida, não é?

— Sim, a sua senhora mandou chamar-me.

— A minha senhora pede que nos avise quando se sentir retemperado.

Por um lado, o aguaceiro de suor, a fronte húmida e a bebida de hortelã fresca, que estava convencido de conseguir sorver até à última gota do jarro e, por outro, a curiosidade em relação ao motivo pelo qual fora chamado à ilustre casa de Irene Silva Vaz. A indiscrição venceu, pelo que assim que vi o fundo do copo, e sem permitir que a governanta me deixasse de novo a sós com o trinado dos pássaros, anunciei que estava pronto para ser recebido. Para minha surpresa, foi ela que veio ao meu encontro.

Era uma mulher de estatura média, que se adivinhava tão sisuda quanto as restantes portuguesas do seu tempo. Tinha umas sobrancelhas arredondadas, densas, e uma fronte ampla, além de um ar de divertido escárnio que lhe emprestava vida ao olhar. O cabelo era escuro e desengraçado, e pareceu-me que o usava um pouco mais curto do que seria expetável. Deixava assim desprotegido o pescoço, possivelmente a sua única caraterística digna de exaltação, e, como não usava joias, exceção feita à aliança e a uma medalhinha de Santo António, só a reconheci porque lhe vira o rosto solene na Baixa, na fachada do Café Montanha. O cartaz onde surgia anunciava o espetáculo para daí a duas semanas, e eu tinha planeado começar por a felicitar pela honra de cantar no Coliseu.

Pus-me de pé, como convinha, e a mulher de vestido axadrezado, de um invariável preto e branco, estendeu-me a mão. Não me deixou começar, porque se antecipou na sua voz grave:

— Senhor Almeida, espero não lhe ter interrompido o veraneio.

— De modo algum — volvi, obrigando-me a vestir de novo o casaco sobre a camisa ainda humedecida de suor.

Ela esboçou um sorriso, e aquela não seria a única vez que a veria assimilar os desconfortos dos outros, nem a última em que tentaria amenizá-los.

— Por favor, dispense o casaco. Está tanto calor lá fora. — Avançou para o centro daquela estufa interior e sentou-se numa bonita cadeira empalhada.

Enganchou um tornozelo no outro e assim, de joelhos resguardados na saia, deu mostras de alguma impaciência:

— Soube que é repórter.

— Sim.

— Mas também escreve novelas. — Assenti porque, na realidade, só escrevera uma por essa altura. — Por favor, sente-se.

Acabei por estender o casaco no assento, a meu lado. Estava desconfortável e, a somar a isso, continuava com sede e só havia um copo. Esperei que a governanta lhe trouxesse outro, para que pudesse acompanhar-me no refresco. Ao invés, quando surgiu, a mulherzinha de

meia-idade trazia antes um xaile bordô, que a senhora passou pelos ombros e apertou no colo, disfarçando um arrepio.

— Veio no vapor ou voou para Lisboa? — De novo a sua voz grave, e eu cada vez mais convencido de que quereria subornar-me para que a elogiasse nalgum artigo de opinião.

Os artistas são muito voláteis; quando se habituam à fama, esmorecem se não a cultivarem, e também definham se não a forem expandindo. Primeiro, Lisboa, e subiria degrau a degrau o caminho do reconhecimento, que é como quem diz que iria de teatro em teatro até ao Coliseu, e daí quem sabe um dia se visse no São Carlos, com uma plateia enamorada à espera de a ouvir em exclusivo. Estava bem convencido de que era isso que me pediria — que fosse ao seu espetáculo e que publicasse o meu artigo lisonjeiro em Inglaterra, e também que procurasse vendê-lo em Lisboa. Quem sabe ela não tivesse até apontado o nome dos jornais a que deveria dirigir-me quando saísse dos seus domínios?

— Voei para Lisboa. Deu-me muito gosto conhecer o aeroporto.

— Visitar o aeroporto é uma das atividades favoritas dos Lisboetas — concordou, e o sorriso não chegou a abrir-se. — Pode recordar-me em que ano saiu de Portugal, senhor Almeida?

— Foi em 1941, quando me deu para ir viver o *Blitz* em Inglaterra. — Sempre apreciei o meu próprio humor, mas ela não estava com disposição para se rir.

— O *Blitz* apanhou-o de surpresa ou foi o catalisador da sua debandada?

— Fui porque queria viver um pouco da guerra, escrever sobre ela. Londres, apesar de tudo, pareceu-me o lugar mais seguro para o fazer.

— Portanto, não se sujeitou às balas, como os repórteres americanos.

— Às balas, não, mas sujeitei-me às bombas da Luftwaffe. Garanto-lhe que acordar com as sirenes de bombardeio não é menos assustador do que conduzir uma ambulância por povoações em ruínas.

Pareceu concordar comigo, mas recaiu num silêncio reflexivo. Pedindo-lhe licença, servi-me de mais refresco de hortelã e vi-a desenrolar um maço de *Português Suave* da bainha do xaile, que me estendeu. Recusei porque as fumaradas dos escombros, em Londres, me afastaram em definitivo de fumos evitáveis.

— Fomos abençoados, não concorda? — Segurava o cigarro com parcimónia, e pareceu-me pouco inclinada a sorrir.

Achei-a muito séria. Não pintava os lábios, que me pareceram pálidos, e o vestido revelava a sua figura magra e uma amargura no olhar que sugeria laivos de uma juventude não muito distante. Ocorreu-me a possibilidade de que sofresse do mal que as artistas em Paris e em Londres combatiam com recurso a benzedrinas: o de se verem sobreviventes no período de desolação do pós-guerra.

Um pouco por toda a França, iam-se criando os bastardos dos alemães, e Londres continuava pejada de entulho. Nos trabalhos de demolição dos destroços e no processo de reconstrução de ruas inteiras, não era raro surgir uma *SC1000* por detonar, encarcerada numa ruína, e o perímetro era vedado. Tínhamos de dar a volta ao quarteirão, enquanto as equipas de desmantelamento a cercavam, e fazíamo-lo com um ruído crescente nos ouvidos, como se nos preparássemos para ouvir de novo a sirene, e a entrada mais próxima do metro estivesse para lá do alcance das nossas pernas, e a qualquer instante viesse o atordoamento do rugido da explosão. Em manhãs de nevoeiro, o ar ainda me cheirava a enxofre e ao travo rarefeito da morte.

— Abençoados? — repeti, quando terminei de engolir mais uma dose do refresco.

— Sim, não tivemos sirenes, nem bombas.

— Verdade. — Sentia, por fim, que a temperatura do meu corpo começava a baixar. — Em vez disso, temos Nossa Senhora de Fátima.

Procurei rir-me de novo, mas ela não me acompanhou. Era insondável, e isso era desconcertante, uma vez que fora ela que se se dera ao trabalho de me chamar. Desviei o olhar para a jovem greco-romana de seios desnudos no vitral. O ar começava a ficar impregnado do odor acre do cigarro, e eu tinha imensas perguntas para lhe fazer. O que pretendia de um velho de 60 anos que não vinha a Portugal há seis? Porque me recebia sozinha e onde estava o marido, cujo contributo para a nova Lisboa me daria o maior prazer discutir?

II

— Gostaria que escrevesse um artigo a seu respeito? — acabei por perguntar.

— Por Deus, não. — Afastou o fumo e a sugestão com um gesto da mão esguia, e sou capaz de ter dado por mim boquiaberto.

— Então, em que posso ser-lhe útil?

Teria de me habituar àqueles silêncios. Mais tarde, ela haveria de me explicar que é mais importante o que se cala do que o que se diz, daí que refletisse tanto antes de formular um raciocínio. Não obstante, por várias vezes me deixou espantado pela aspereza com que proferia as suas verdades.

— Publicou uma novela.

— Sim. — Como demorava a explicar-se, adiantei-me: — Gostaria que lha autografasse?

Os seus ombros sofreram um espasmo, como se não conseguisse conter o riso. Tive a incómoda sensação de que troçava de mim.

— Não. Gostaria que me ouvisse e que, se o que tenho para contar lhe interessar, o publicasse numa novela.

— Uma novela?

— Sim. Os escritores são também caçadores de histórias, não é verdade?

Era cordata e transmitia uma segurança inquietante, ali tão imóvel, com o cigarro a extinguir-se nos dedos de unhas irrepreensíveis. Irene Silva Vaz era um espetáculo de autodomínio e elegância, e este velho

sentiu-se uma criança na sua presença. Se for sincero, é essa a sensação que tive: a de estar perante o universo de mistério feminino que a minha mãe representou para mim, enquanto viva. Falo de uma beleza que ofusca sem que se possa nomear-lhe um traço do belo, porque também a minha mãe parecia por vezes macilenta e adoentada, de uma doçura que nunca chegou a ser, porque não lhe sobejava tempo para carinhos, e de uma condição de tristeza, de nostalgia, que só poderia advir-lhe do facto de ser mulher e, portanto, de passar pela vida em constante servitude.

A verdade é que a sua presença me incomodava, para além de que a casa ficava fora de mão, porque o elétrico me obrigava ainda a um esforço hercúleo de caminhada sob um sol inclemente. O seu marido não estava presente, e era pela sua obra que eu me interessava genuinamente. O modo como se propunha a arborizar a capital, a eliminar os bairros sórdidos e imundos, parecia-me digno de aplauso. Por fim, considerava impróprio que um homem e uma mulher passassem as tardes juntos em amena cavaqueira, sobretudo sendo esta a respeito da intimidade que a mesma mulher, vinte e cinco anos mais nova do que o contador de histórias, se propunha a revelar.

Quando disse que queria falar-me de como saíra de uma gruta de bêbedos na Boa Hora para o Coliseu, e de como caíra nas graças das boas famílias da Almirante Reis, e de como mais tarde se sentira sozinha e incompreendida, não me neguei a escutá-la. Estava até espantado por a ouvir articular tantas palavras, e tão bem-falantes, de seguida e sem se interromper para ajuizar. O queixo subiu-me e desceu-me numa concordância, mas o peito disparou de contrariedade. Antecipava um possível mal-estar, quem sabe causado pelo calor. Por essa altura, já sofria de refluxo gástrico e, às vezes, o ar atrapalhava-se-me nos pulmões, e eu sabia que o que me faria bem era passar uma temporada na Parede, a inalar o iodo do mar e a ver passar o comboio elétrico cheio de banhistas ao fim de semana. Não queria voltar a subir aquela rua, porque me interessava mais ir até ao restaurante do aeroporto, A Esplanada, beber um *brandy* e procurar inspiração nos aviões que víamos aterrar por entre vibrações de calor que sugerem o deserto aqui tão próximo.

Na Lisboa de 1947, abundavam histórias de espiões de guerra, de assassínios encobertos, de casos entre cônsules e membros de diferentes embaixadas, por vezes inimigas. Havia histórias de realeza caída, de marinheiros de maus fígados, e um sentido de Império e de grandiosidade perfumava o ar da metrópole. Por todo o lado, havia edifícios megalómanos, e havia rumores de que o mercado da Figueira seria demolido em breve, apesar do conflito de interesses, e que a sua área seria ajardinada. As gentes que ali se apinhavam ano após ano por ocasião dos Santos Populares, em bailaricos e bebedeiras, e os que ali se dirigiam a cada dia para se aviarem dos produtos de que necessitavam, bem como as varinas, seriam encaminhados para um dos muitos outros mercaditos que iam surgindo, assim o garantia Álvaro da Salvação Barreto, à época munícipe-mor de Lisboa. Por outro lado, a Ajuda era, de novo, um bairro respeitável, a partir do qual se podia admirar o movimento no Tejo. Havia muito que ver e contar na velha Olissipo, e gostaria de ter tirado o maior partido possível dessas semanas que me propunha passar entre as suas sete colinas.

Demasiado velho para desperdiçar aquela mina de enredos, não podia dar-me ao luxo de empenhar o meu tempo em mexeriquices de senhoras. Ainda assim, e é por isto que friso que o calor incidiu sobre a minha cabeça durante a íngreme caminhada de trezentos metros, respondi a Irene Silva Vaz, uma fadista sem modos ou beleza excecionais, e sem o bom gosto de ser ao menos da Mouraria, que seria um prazer ouvi-la.

III

Naquela tarde, regressei ao Largo de Camões para me refrescar, e o calor venceu-me de tal forma que, quando despertei e me dirigi à janela para espreitar o largo, completamente despido, oculto atrás das cortinas, as ruas já se tinham iluminado. Passava o elétrico e o ruído dos freios trouxe-me alguma melancolia. As pessoas dispersavam e despediam-se, e em algumas lojas em redor da praça começavam a fechar os toldos. Vi um jovem a escoltar duas cabras de volta aos casebres do Bairro Alto, onde era sabido que as gentes transportavam facas na liga, e, bem no centro do largo, um rapaz açoitou com uma vara uma vaca particularmente teimosa.

Vesti-me, desci ao restaurante do hotel e, enquanto aguardava que me trouxessem um aperitivo, fui folheando o *Diário de Lisboa* de abril, apenas para me perguntar se o país seria tão harmonioso quanto toda a sinalética deixava prever. Achei curiosa a referência ao *Grille*, o estimado iate de Hitler, que por essa altura se encontrava na posse do vice-cônsul inglês e navegava ao largo de Lisboa. A menção ao 43º aniversário do Benfica, o meu clube de eleição, recordou-me de que tinha o maior interesse em visitar o estádio no Campo Grande, que estava convencido de que ficaria imortalizado pela excelente goleada de 13 a 1 contra o Sanjoanense nessa *saison*.

Mal chegou a refeição — borracho com ervilhas à francesa —, senti o meu humor melhorar substancialmente.

No início do ano, recebera um telefonema do meu primo Damásio (com certeza dispendioso) a convidar-me para o Torneio de Tiro ao Pombo a realizar-se no Porto. Não entendi muito bem o que o levara a lembrar-se da minha existência com tanta prontidão e, para mais, a propósito de um evento tão descabido. A minha arma sempre haviam sido as palavras, e eu não saberia manusear uma de fogo nem que disso dependesse a minha vida, ainda que a mesma se limitasse a cuspir chumbo. Cerca de três semanas depois de lhe manifestar a minha recusa, recebi um outro telefonema, dessa vez a pedir-me um empréstimo de dois mil contos de réis. Foi como se o mundo pós-guerra voltasse a fazer sentido: os homens continuavam a mover-se por dinheiro e estratagemas algo cambaleantes para obter o que desejavam. A minha recusa em prestar-lhe esse favor levou a que não pudesse recorrer à sua hospitalidade em Lisboa, de modo que me sentia um completo estrangeiro na cidade.

Ainda teria de descobrir qual dos convivas com quem ceara nos dias anteriores denunciara a minha presença à senhora do Parque Eduardo VII e motivara o seu interesse na minha pessoa. A mando dessa misteriosa artista, foi-me entregue um recado pelo *concierge*, quando me dirigi à receção para averiguar se tinha correspondência. Pedia que lhe fizesse o favor de ir almoçar a sua casa no dia seguinte, ocasião em que teria oportunidade de conhecer a sua família. Escrevinhei a resposta, e o *concierge*, ajeitando os óculos para vencer a minha grafia, deu início à ligação. Não me detive para comprovar se ela a recebia, mas, quando o elevador me deixou no corredor de acesso aos meus aposentos temporários, dei por mim a matutar sobre o tipo de família que iria encontrar à mesa no dia seguinte. Nada poderia ter-me preparado para o tipo de confissões que se avizinhavam.

Lisboa, julho de 1947

Tomei um carro de aluguer no dia seguinte, porque não suportava a ideia de voltar a empreender aquela marcha fúnebre por entre carretas de pedras calcárias, forçado a compadecer-me do infortúnio dos calceteiros, que havia de encontrar de costas voltadas para o sol do

meio-dia. Com esse objetivo na ideia, desci até à Praça do Comércio, onde um dos *Peugeot 402* que ali se encontravam empreendeu a marcha comigo a bordo através da Baixa e do repicar dos sinos dominicais das muitas igrejas. Ficámos retidos, por um instante, na retaguarda de um elétrico que seguia ao alucinante ritmo de não mais que 12 quilómetros por hora. Subimos a Avenida, que continuava a parecer-me demasiado larga para o tráfego que por ali circulava, e senti-me apaziguado pela constatação de que estava menos calor do que na tarde anterior. Mesmo assim, o amplo descampado que constituía o *boulevard*, ladeado de acácias-do-japão, ulmeiros e plátanos, e povoado de quiosques, parecia impossível de vencer em caminhada. Palpitava-me que, de inverno, se transformaria num extenso lamaçal, não obstante o pavimento de basalto e calcário que o acompanhava em toda a sua longitude, enquanto, de verão, se assemelhava a uma dura prova de resistência no Saara. De elétrico fazia-se muito melhor — e mesmo os miúdos que o navegavam à boleia o sabiam —, para além de que, sobre carris, não me afligia a circulação pela direita em Portugal.

Nessa segunda deslocação a casa da Irene Silva Vaz, atravessei a cidade aferrolhado a uma certa recordação. Quando eu tinha uns 20 anos, o governo, amuado com a Grã-Bretanha, decidiu que os automobilistas portugueses deveriam passar a circular pela direita. O meu pai tirou-me da cama antes da alvorada e, diante da Igreja do Socorro, fez-me entrar no *Serpollet* a vapor do irmão, para depois corrermos a cidade, galgarmos todos os seus buracos, poças e cumes de excrementos. Foi como estar embriagado. A vertigem era impossível de explicar; valia-nos a circunstância de, nessa madrugada sombria, termos por companhia apenas meia dúzia de outros automóveis, e todos tão desorientados quanto nós. Nos largos e perante becos, guinávamos para a esquerda, sem fazer caso da aproximação de algum possível incauto pela direita, e o tio berrava que ainda iríamos contra alguma parede, ou atropelaríamos alguma besta. A noite terminou sem que causássemos maior dano do que o abalroamento de uma bancada de trabalho improvisada no Rossio, e seguimos para casa sem apanhar as ferramentas, convencidos de que, quando à meia-noite desse dia a instrução de circular pela direita fosse imposta, o caos seria tremendo e a navegação

pela esquerda seria prontamente restabelecida. Anos depois, experimentei o mesmo atordoamento quando cheguei a Inglaterra e voltei a circular pela esquerda.

Mas adiante, a moradia dos Vaz surgiu por entre as pereiras, para lá dos arbustos de rosas brancas silvestres, e o carro encostou à direita.

A governanta já deixara a bandeja com refresco no jardim de inverno — tomo a liberdade de assim o batizar. A Irene não tardou a apresentar-se à luz dos vitrais e, dessa vez, vestia-se de modo ainda mais recatado, mas pintara os lábios. Conduziu-me à biblioteca, onde fui apresentado a um homem pouco mais velho do que ela, sem casaco sobre a camisa imaculada. Tinha a gravata e os suspensórios algo frouxos, e havia uma menina encavalitada no seu joelho.

A Irene, que me precedeu, apontou para as duas figuras no sofá:

— Senhor Almeida, este é o meu marido, o engenheiro Vaz, e esta é a minha filha, a Júlia.

O engenheiro pôs-se de pé, tendo o cuidado de amparar a pequena pelo braço, e contornou o sofá. Era um autêntico Virgílio Teixeira, ou pelo menos a forma do rosto fazia recordar de imediato o ator. Os passos eram inaudíveis sobre o tapete e, por muito que me estendesse a mão com formalidade, havia uma certa ligeireza no seu gesto. Fez questão de me olhar nos olhos, de me sorrir com uns dentes alvos e bem alinhados, e a minha veia de escrevinhador obrigou-me a descrevê-lo obsessivamente nessa noite, na mesinha do quarto de hotel. Não sabia que género de confidências iria ouvir da mulher de mãos juntas no regaço, de pé a meu lado naquele momento, mas suspeitava que seria importante para mim escrutinar também a alma e o caráter do engenheiro.

— Foi à missa, senhor Serafim?

Era domingo e, durante o almoço, comentaram que costumavam ir à Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, onde o engenheiro podia maravilhar-se com o modernismo de Pardal Monteiro na traça do templo. Olhando para trás, entendo que nesse instante — em que avaliava a escassez de cabelos grisalhos na cabeleira daquele pai de família, e em que o meu olhar varria também a expressão da Irene, e não lhe via mais do que amor e devoção para com ele e para com a criança que avançou quando solicitada —, já me encontrava para lá do

interesse suportável. Era a primeira vez que alguém me procurava para me escandalizar com a sua natureza falível, e eu estava atordoado pela antecipação da espécie de sordidez que poderia vir daquela ligação inesperada.

Almoçámos escalopes, acompanhados por um excelente vinho de Colares que o próprio engenheiro desrolhou. O ambiente era de bem-estar geral, e pude observar a Irene no seu *habitat* natural, sorridente e compreensiva, embora ríspida a cada deslize da pequena Júlia.

— Creio ter entendido que têm mais filhos. Pelo menos, é o que se recomenda pelas ruas de Lisboa a cada vez que compramos um jornal.

— Vá lá entender-se — volveu, pensativa. — É verdade que temos dois rapazes, mas estão de castigo na Mocidade.

Como o atirou para a mesa com uma frieza que incomodou os restantes adultos na sala, o engenheiro serviu-me mais vinho, aproveitando para enganchar com probidade os olhos nos meus:

— O que a Irene quis dizer é que gostaria de os ter mais tempo por casa. Aos sábados, vão pôr-se ao serviço da Pátria; estão os dois nos Infantes.

— E que vem isso a ser, se tem a amabilidade de me esclarecer?

— Bom, é um pouco como a organização do *Sir* Baden-Powell e dos seus escuteiros; as nossas crianças são organizadas por tribos, onde vão ganhando cada vez mais responsabilidade, e isso parece-me a todos os modos positivo.

Entendi que receava que eu sinalizasse a Irene como uma reacionária. Sentada tão direita, com o cabelo curto afastado da fronte por dois travessões, os lábios rubros selados numa expressão de contrariedade, fiquei certo de estar perante uma férrea opositora ao regime. Também me pareceu evidente que o marido tinha conhecimento dessa sua irascibilidade, e que a continha com a meiga firmeza da voz.

Em nota, resgato o detalhe de nunca na minha vida ter escutado voz mais terna do que a do engenheiro, em especial quando se dirigia à mulher ou à filha e, mais tarde, ao ler umas folhas que me entregou com recato, havia de descobrir que ela adorava cada inflexão da sua vocalidade — da rouquidão com que a amava à secura com que a repreendia.

A nossa fadista chegou a este nível de confissões, e procuro ainda hoje não me chocar com o estranho laço que nos uniu nesse verão.

Depois da refeição, regressámos à biblioteca; uma divisão arejada com as vidraças abertas para o exterior, onde o engenheiro tinha dispostas algumas maquetes sobre a secretária de carvalho e duas mesas de apoio. A governanta serviu-nos *brandy*, o digestivo da minha eleição, e o engenheiro anunciou que ia visitar o local do antigo Arco do Marquês de Alegrete, onde nascia agora uma nova praça. Despediu-se paulatinamente, como se não estivesse certo de que a Irene fosse comportar-se na sua ausência, e entregou-lhe o balão vazio da sua bebida. Quis parecer-me que, a acompanhar esse gesto, houve um olhar de recomendação ao qual a Irene reagiu com um sorriso evasivo.

Assim que ele saiu e que a governanta veio buscar a menina de saia insuflada e joelhos roliços, que chorava a partida do pai, a Irene acendeu um cigarro e cruzou os braços à janela, quase oculta nas cortinas de renda.

— Senhor Almeida — começou, soprando o fumo por entre os lábios pintados —, o meu marido não gosta deste nosso *affair*.

Quase verti *brandy* pelo nariz, mas depressa entendi que lhe dava prazer cultivar aquela atitude de provocação. Proferiu aquelas palavras com tamanha seriedade, mal arqueando a sobrancelha, que desatei a rir-me com fanfarronice no sofá. Sabia que estava demasiado gordo e anafado para que uma mulher tão distinta e bem posicionada se interessasse por mim. O marido, com certeza, estaria ciente disso.

— Então, porque não me pôs ele na rua? — arrisquei, sorridente.

— Porque lhe importa a minha felicidade.

— E de que modo posso conceder-lha?

Ela rodou sobre os tacões dos sapatos e o fumo começou a volutear na minha direção. A minha imaginação fazia-me crer que me lançava um feitiço, de outro modo nada poderia explicar a minha permanência naquela casa quando me comunicavam que o senhor da mesma não me queria ali.

— Tirou a tarde, como lhe pedi?

— Sim. — E, mal o disse, arrependi-me.

— Gostou dos escalopes? — Aquilo apanhou-me de surpresa, nem cheguei a responder. — Dizem que os cozinhados saem melhores quando se cozinha a gás, notou diferença? Ou em Inglaterra já é hábito que se cozinhe a gás?

Não tinha notado coisa alguma, e ela também não parecia atenta ao meu veredito. Recaímos noutro dos seus silêncios imperturbáveis. Fumou o cigarro até ao fim, e eu já julgava que o melhor era pôr-me de pé, recuperar do bengaleiro o chapéu e o casaco, e descer até à paragem do elétrico, porque não podia andar a subir e a descer a avenida em carros de aluguer. Não tinha ganhos que mo permitissem.

— Acho que a paciência é a sua maior virtude — ouvi-a dizer, ao fim de longos minutos.

IV

Esmagou o cigarro no cinzeiro e veio sentar-se a meu lado, na cadeira de espaldar, porque seria impróprio dividirmos um sofá tão acanhado. Quando se inclinou para mim, como se expusesse a alma ao meu escrutínio, percebi que estava muito assustada. Proferiu uma primeira inconfidência:

— Senhor Almeida, o meu psicanalista diz-me que devo abrir-me com um amigo, porque não é mais capaz de me ajudar.

— A Irene acredita nos benefícios dessas conversas de canapé?

— Eu acredito. O meu marido, não. Diz que esses que andam por aí com supostas curas para a psique não passam de charlatões.

Suspirei, um tanto impaciente:

— Teria todo o gosto em ser seu amigo, mas repare que estarei de volta a Londres em menos de um mês…

— Não, não… — Abanou a cabeça, e transpareceu-me que a sua angústia era incomportável. — Se nos tornarmos amigos, será uma consequência do acaso, não é para isso que o chamei. Tenho conhecidos no Hotel Europa, e há meses tinha pedido a um que, se desse entrada algum escritor ou repórter britânico ou francês para uma curta estadia, me informasse de imediato.

— Pois eu sou português. — A bebida soltava o meu lado brejeiro e não me importaria de continuar naquele bate-boca pela tarde toda.

Pior solução seria sair para aquele julho abrasador. — E também não devo ser o primeiro repórter que por lá passou.

— É o primeiro que aprovo, porque li a sua novela.

Aquilo desarmou-me, porque o sucesso dessa novela fora tão modesto em Inglaterra quanto em Lisboa, e a casa editorial deixara claro que teria de me esforçar muito para que voltassem a apostar em mim. *As Últimas Vielas* fora aquilo que só se pode considerar um fiasco, e eu estava ébrio o suficiente para o admitir.

— Espero que a tenha usado para avivar a lareira neste último inverno.

— Não seja modesto, sabe que foi uma boa novela.

Conseguiu acossar a minha curiosidade. Portanto, via-me naquela inusitada situação por via da novela que publicara dois anos antes, nunca discutida com um leitor luso, porque só agora punha o pé em Lisboa, e mesmo o meu primo só se interessava pelos bailes do Éden no Carnaval e os Torneios de Tiro ao Pombo.

— Deveras?

— O que mais me impressionou foi o modo como retratou as mulheres. — Os olhos mantinham-se fitos nos meus e tinham a profundidade de oceanos. Avaliava o meu caráter e a veracidade da minha autoria naquele momento. Foi perturbador: — Aliás, *a mulher*.

— Sim, só atribuí destaque a uma mulher, a minha mãe.

Não esperava dar por mim a falar dos meus assuntos nessa tarde e, por isso, fui apanhado pela melancolia que o álcool e as recordações tecem num sexagenário.

— Viu-a sofrer muito?

— Mais ou menos.

— Fez muitos sacrifícios por si?

— Isso, sim. — Não quis alongar-me e a Irene assentiu, porque entendia.

— Eu cresci sem pai.

A biblioteca ficou em silêncio e, do corredor, chegava-nos o trinado dos canários, porque o Sol batia nos vitrais e o coração dos pássaros inchava de contentamento. Após um longo suspiro, em que pareceu ganhar coragem, procurou de novo os meus olhos:

— Se um homem trair a confiança de outro, como n'*O Conde de Monte Cristo*, o ofendido vinga-se e a humanidade aplaude — começou. — Mas, se uma mulher trair a confiança de outra, que ainda para mais teve como a uma irmã, e a ofendida procurar alfinetá-la seja como for, para amenizar a própria dor, é hostilizada e acusada de ser mesquinha, tudo por causa da natureza vil das mulheres.

Assenti, porque não cessava de me espantar nessa tarde.

— Concorda que as mulheres têm uma natureza vil?

As sirenes do *Blitz* ter-me-iam valido naquela ocasião. Estava anestesiado pelo vinho e pelo *brandy*, e não pude mentir-lhe:

— Irene, se me permite… — Esperei que a familiaridade, em última instância, a demovesse da certeza de que eu era o confidente adequado para os seus assuntos. — Não acredito que uma *lady* na sua posição me tenha chamado para me falar de contendas entre mulheres… Isso é mais velho do que o mundo, nada há a acrescentar.

— Mas há… — E dizia-o convicta. — Há, e ninguém se apieda da minha dor. Foi-me pedido que esquecesse e calasse, mas, volvidos tantos anos, e mesmo tendo eu encontrado a felicidade, não posso esquecer. — Procurou-me o olhar com insistência e entendi o quanto estava desesperada. — Terá a bondade de me ouvir?

— Porquê eu? — balbuciei, incrédulo. — Porque não uma outra senhora, a mulher de algum conhecido do seu marido, por exemplo…

— Isto é uma aldeia, seria acusada de sofrer da tal natureza vil que tanto desprezo. E gostaria que escrevesse a novela.

— E a sua família?

— Não tenho nenhuma.

— O seu marido?

— Pede-me que esqueça.

— E não há meio de retomar a amizade com essa senhora?

— Por Deus! — Exaltou-se e bateu com a palma da mão na coxa. — Acha que a minha angústia é porque gostaria de retomar ligações com essa mulher?

Encontrava-me siderado. As mulheres são criaturas fantásticas. A testa encrespou-se-lhe de tal modo que os olhos e a fronte reluziam de

esforço. Ganhava luz e asas, na ânsia de derrotar quem se atrevera a ofendê-la.

— Pois então conte-me o que se passou, mas não estou a ver como poderei ajudá-la a… O que pretende mesmo? Esquecê-la? Perdoá-la? — Arrisquei uma nova explosão quando sugeri: — Que ela a perdoe?

— Apenas que me ouça — bufou, exausta. — Se me ouvir, já lhe agradeço.

— Pois bem, então comece.

Ela acendeu mais um cigarro e acomodou-se melhor na cadeira. A empregada veio trazer uma bandeja com uma excelente seleção de queijos, e ela pareceu voltar a retrair-se. Para a instigar, dei início à conversa do seguinte modo:

— Não é muito habitual que as mulheres continuem a trabalhar depois de casadas, pois não?

— Não. E também não devem sair muito à rua. — O sorriso que me dedicou era puro sardonismo. Ia recolhendo estas informações para melhor lhe ler as emoções, se viesse a desejar esconder-mas. — Quando fui convidada para ir a Paris cantar para o cônsul português, descobri algumas semanas antes que o meu marido devia assinar a autorização.

Nunca ouvira falar de tal restrição à circulação das mulheres, mas ela também não tinha interesse em desenvolver.

— Também me pareceu que toda a rua desaconselhava a minha vocação para as cantigas, mas ainda assim dei por mim rodeada de bêbedos e de mulheres de má fama, nas tascas mais sebentas desta cidade. E, uma vez lá, pareceu-me que sempre pertencera ali, que toda a vida olhara nos olhos daquelas gentes nostálgicas e miseráveis, e que a tristeza que cantava era a minha e a delas…

— Começou pelos bairros mais modestos, foi? — Ela encolheu os ombros. — Quão famosa é, Irene? Queira desculpar-me por perguntar, mas sabe que tenho estado fora.

— Para alguns, sou demasiado conhecida. Para outros, poderia ter um pouco mais de reconhecimento. Em suma, é possível que saibam quem sou na Mouraria e na Boa Hora, mas dificilmente sabem quem sou no Capitólio.

Achei graça ao modo despretensioso que escolheu para me dizer que era famosa assim-assim, dependendo dos gostos do povo de cada bairro.

— Pelo menos, é famosa o suficiente para ter o seu cartaz no Café Montanha e para o cônsul português em Paris desejar escutá-la.

— Há casas que me têm em boa conta.

— Se me permite…. — Ajeitei melhor a perna cruzada sobre a outra, a tentar entender também, através dela e uma vez que a via tão conversadeira, qual era a realidade da minha pátria quanto às artes musicais. — O fado é a canção da hora, não é?

— Sim, e as cantadeiras saem à rua depois do recolher obrigatório. — Libertou o fumo em espirais e esboçou um sorriso pesaroso: — Que é como quem diz, depois de a lua nascer nos miradouros. Sabe que isso já são horas para uma mulher decente estar em casa, de barriga no fogão.

Assenti. À luz daquela Segunda República, não duvidava de que assim fosse. Ela absteve-se de admitir que nem todas as cantadeiras de fado eram mulheres de família. Muitas não o eram, com certeza.

— A pessoa que me causou desgosto chama-se Maria Helena Sousa.

Entrelacei os dedos no colo e assenti. Era todo ouvidos. Ela guardou silêncio de olhos fitos em mim, no copo vazio do *brandy* e na maquete daquilo que se esperava que viesse a ser, em breve, o topo grandioso do Parque Eduardo VII.

— Para o efeito, chamemos-lhe só Lena, que é como todos lhe chamavam quando a conheci.

— E quando se deu isso?

— Em 1918, quando entrei no ensino primário.

— Foram, portanto, colegas de escola?

— Com os anos, tornámo-nos muito mais do que isso. Mas, sim, a Lena não foi a primeira menina de quem me aproximei, mas a primeira que me fez sentir bem pelos corredores frios da escola.

Explicou que, no mês de novembro em que iniciara a sua instrução primária, fazia muito frio. A Irene lembrava-se de ouvir o vento lá fora, a arrastar a folhagem no pátio e a ameaçar desfazer as amoreiras e, em algumas ocasiões, a sacudir os caixilhos das janelas. A *Cartilha Maternal*,

obra de João de Deus, obrigava-os a entoar cânticos ao Senhor Deus, e meninas e meninos emprestavam as vozes em uníssono à cantiga que a professora orientava, fazendo uso da régua para dar ritmo ao canto ou para corrigir alguém que desafinasse. *A pobre ave, cantando o hino, terno e suave, do seu amor, ao Salvador*.

Valeu-se de um sorriso saudoso para mo recitar à luz dessa tarde. Repetiu-o duas vezes, apenas para garantir que não cometia uma gafe. Que bela era a sua voz.

— A primeira palavra que surgia com um «P» era «pai», e eu não tinha um pai — interrompeu-se. Pressenti que mais tarde voltaria a isso. — Quando algumas das crianças se deram conta disso, caíram-me em cima. Só mais tarde percebi que o faziam porque eu era a única que reagia com raiva a essa carência, e não por ser a única que era órfã de pai. Outros também tinham perdido os pais, inclusive nas mesmas circunstâncias em que perdi o meu, mas nenhum de nós tinha discernimento para o compreender.

— Nem sempre as crianças são os modelos de candura que os pais apregoam.

Ela não se deteve:

— A Lena era das alunas mais espevitadas da sala, a sua voz acorria a todos os chamamentos da professora. Os rapazes andavam sempre à chinchada, e havia uma ou outra menina que tinha o mesmo estômago inchado de fome que eles, e que também se aventurava por muros e cercas para colher amoras no recreio. — De repente, a sombra de um sorriso: — Lembro-me de que, numa composição em que tínhamos de dizer porque gostávamos da escola, um menino disse que o que mais gostava era da fruta do casario ao lado. A nespereira tombava para dentro da escola, está a ver? Em abril, chegavam a jogar à bola com as nêsperas e, ainda assim, comiam-nas no fim. — Permitiu-se uma pausa e apertou as mãos uma na outra. — Não me lembro do nome dele, nem sei o que foi feito dessa pobre criatura. Só me lembro porque estava muito consciente de que podia ser eu. Podia ser eu a chegar à escola, macilenta, faminta e mal agasalhada. Ao invés, levava sempre a minha merenda.

Acabou por se dar conta de que era perigoso levar merenda, porque por duas vezes umas meninas quase lhe rasgaram o vestido a partir dos

bolsos para lhe ficar com o pedaço de brioche, e a professora tratou-lhe os queixumes com reguadas na palma da mão. Nem lhe ocorreu lamentar-se em casa pelo sucedido; se a mãe repreendesse a professora, as reguadas seguintes seriam ainda mais vigorosas.

— Dei-me conta de que o mais provável era que nem a professora comesse brioches e, a partir dessa altura, comecei a ter vergonha de ser rica.

— Então, já nasceu bem posicionada — comentei, porque julguei que isso explicava o motivo pelo qual uma mulher se permitia a tantas liberdades numa sociedade tão rígida.

— Não imagina o quanto. — E os olhos baços não acompanharam o sorriso.